

coleção  
[ a escolha  
é minha ]

Margarida Fonseca Santos

# Confia na Mudança



 fábula

*A toda a equipa da Fundação Lapa do Lobo,  
fundada pelo inspirador Dr. Carlos Torres,  
que põe em prática um projeto que investe  
na população, na cultura e na educação, no apoio aos  
mais velhos e aos mais novos, transformando uma terra  
do interior num espaço acolhedor para morar  
e de onde se pode conhecer o Mundo.*

*Ao Miguel e ao António, que abraçam a mudança  
com a confiança de quem quer ser feliz.*

## Carolina

A minha turma estava agitada não só pela notícia, mas também por imaginar um professor substituto menos simpático e companheiro do que o stor Bernardo.

— Percebam que é uma questão de mês e meio, no máximo 2 meses, e em breve terão o vosso querido professor convosco — disse a nossa diretora de turma à pressão, a sorrir.

Com o nosso diretor de turma a recuperar da operação ao joelho, ficava a professora de Inglês a cuidar do grupo. Não era novidade para nenhum dos professores da turma que o stor Bernardo era o nosso preferido. Acho que até agradeciam essa escolha, porque nos portávamos melhor só para não o ver desiludido ou para nunca o ouvir ralhar-nos.

E fomos logo deixar uma mensagem no chat da Google Classroom. Esta foi uma das ferramentas

que começámos a usar durante a pandemia e que, por serem tão práticas e úteis, acabaram por ficar, pois davam muito jeito, mesmo nas aulas presenciais. Fomos então desejar-lhe uma recuperação rápida. Sublinhámos essa parte — «rápida recuperação» —, porque não queríamos estar muito tempo sem as suas reuniões de direção de turma, para além de que as aulas eram espetaculares. E, naquela altura, não podíamos sequer prever o que nos ia acontecer. Mas estou a precipitar a história, por isso vamos lá pôr ordem nesta narrativa.

Chegar a uma nova escola e fazer parte de uma turma que vinha inalterada desde o 5.º ano, assustou-me muito. Eu iria passar a frequentar a Escola Básica e Secundária Eng.º Dionísio Augusto Cunha, em Canas de Senhorim. O primeiro dia de aulas foi-se transformando na minha aflição e assombrando os meus sonhos, ou melhor, os meus múltiplos pesadelos. Cheguei a roer as unhas. Bom, andar sempre com as mãos na boca metia-me um nojo horrível e era um perigo por causa da pandemia, e penso que foi por isso que não se tornou um tique daqueles difíceis de curar.

Tínhamos mudado de casa, de cidade, os meus pais de emprego, ou seja, tínhamos mudado tudo.

Mudámo-nos para a Lapa do Lobo, porque os meus pais estavam a implementar um negócio sustentável com uns amigos. O objetivo era ajudar na criação de uma pequena empresa que aproveitava restos de roupa, que já não se podiam usar, para fazer malas, chapéus, sacos de compras, todo o tipo de acessórios. Como eram militantes inabaláveis da reciclagem e do reaproveitamento de materiais e plantas, também davam aulas gratuitas sobre hortas sustentáveis e biológicas.

Víamos morar numa antiga casa de família, bastante deteriorada. Na verdade, achámos que conseguíamos voltar a pô-la habitável em pouco tempo, mas tudo isso não passava de um sonho cor-de-rosa desmaiado. Foi bem mais complicado do que parecia. Começámos a aprender um sem-número de novas técnicas sobre como lidar com a humidade e o caruncho. As madeiras precisavam igualmente de pintura, só que havia mais um montão de urgências em cada divisão, parecíamos loucos, com tanto trabalho. No entanto, de uma coisa nos apercebemos logo de início: as pessoas entreajudavam-se muito na Lapa do Lobo, a comunidade acolheu-nos, sem dúvida.

Para trás, tínhamos deixado correrias e horários de escravos, muitas discussões entre os três, fora as

que os meus pais teriam a dois sem eu dar conta, e que apareciam com o cansaço, a falta de sono, as metas por cumprir dos empregos dessa altura e a carga de trabalhos da minha escola, com professores também esgotados e afogados em papeladas. Enfim, não iríamos ter saudades desses tempos. E aqui havia mais espaço e contacto com a Natureza. Se fosse necessário voltar a confinar, não estaríamos fechados num apartamento mínimo com vista para as fachadas dos prédios em frente.

As saudades dos meus amigos, sim, isso seria a parte mais difícil. Trocávamos mensagens quase todos os dias no início, mas, com o passar dos meses, íamos ficando mais distantes. Durante o verão, o contacto não esmoreceu — pelo contrário! —, mas depois, com as aulas e tudo o que isso implicava, as mensagens iam sendo cada vez mais espaçadas ou inexistentes. Agora, estava na hora de conhecer a nova escola, os novos colegas, os novos professores.

Uma das coisas que mais me surpreendeu foi a idade dos professores. Habituada a ter pessoas sempre mais velhas do que os meus pais a dar aulas, ali havia professores com menos de 40 anos, o que era algo de extraordinário. Pensei, então, que

esse movimento de que se falava, o das pessoas mais jovens que se iam deslocando para as terras do interior, era mesmo uma realidade.

Resumindo e concluindo: não teria valido de nada dar cabo das unhas, nem passar noites de olho aberto a ouvir a casa a estalar, imaginando vezes sem conta os novos colegas, os professores, tudo isso, sempre em cenários terríveis.

A primeira aula, no primeiro dia de escola, era de Educação Física, e pudemos conhecer o nosso diretor de turma, o stor Bernardo. Os outros alunos já o conheciam e estavam muito animados com a ideia de contar com ele para as reuniões de turma, para as discussões sobre cidadania e organização de tarefas e projetos. Diziam que seria a melhor coisa do ano letivo, e eu começava a acreditar.

— Deves ser a Carolina — disse o stor Bernardo, olhando para mim, enquanto o resto da turma me inspecionava dos pés à cabeça. — Bem-vinda! Acho que vais gostar imenso desta escola.

— E da turma — completou o Gonçalo, um rapaz com um sorriso muito bonito e um corpo redondinho a condizer. — Eu sou o Gonçalo e ofereço-me já para ficar ao teu lado nas outras aulas, para nunca te sentires sozinha.

O que eu corei naquele instante! O Francisco, revirando os olhos, deu uma cotovelada ao Gonçalo e informou:

— É um cavalheiro, este rapaz, um cavalheiro. Mas tem cuidado com ele, gosta de deitar o olho nos testes. Se costumás ter boas notas, ele vai ser insuportável.

Gargalhada geral. A Sofia tentou descansar-me, explicando que os rapazes deviam estar interessados numa miúda nova, o que não deu grande resultado. Ouviram-se protestos e risos. Ainda fiquei mais ansiosa. Percebi, contudo, que o Francisco e o Gonçalo eram amigos da Sofia, e que as brincadeiras deviam fazer parte da forma como lidavam uns com os outros.

Acabei por me deixar conquistar por todo o ambiente do grupo, do diretor de turma e daqueles três que seriam os meus melhores amigos: o Gonçalo, sempre ao meu lado, e o Francisco e a Sofia sempre por perto. Cheguei a casa muito animada. Falei todo o tempo até me mandarem para a cama e não me lembro de adormecer. As unhas recomeçaram a crescer nesse dia.

Francisco

Quando o stor Bernardo nos explicou que gostaria que fizéssemos um projeto na sua disciplina,



que deveria até englobar outras áreas, ficámos muito entusiasmados. Teríamos o apoio incondicional da Fundação Lapa do Lobo e isso seria espetacular. A fundação, com grande impacto na vida da Lapa do Lobo, seria um parceiro fantástico para avançarmos com aquela ideia. Acima de tudo, o que o stor nos pedia era para darmos o nosso melhor, fazermos o melhor possível. Que grande professor!

A ideia fora muito bem pensada: construir, numa antiga oficina que estava desativada, um centro de ocupações para as pessoas com mais idade.

— Não lhes vamos chamar idosos, é mais bonito dizermos que eles são os nossos amigos mais velhos — afirmou o stor, a sorrir.

— A minha avó diz que não é idosa, que é velha — riu-se a Sofia. — E ser velha é ter muita coisa para contar e fazer.

— Percebem? Estas pessoas podem ensinar-nos muitas coisas. Têm uma vida inteira de experiências que, para nós, vão ser aprendizagens fantásticas — referiu o stor.

Seria assim uma espécie de bolsa de talentos. Explicando melhor, o stor Bernardo disse que a ideia consistia em cada pessoa idosa frequentar

aquele sítio, no seu tempo, ensinando o que sabia fazer e aprendendo com outras coisas novas. Sem horários nem obrigações como se fosse um emprego, portanto, algo descontraído. Aos poucos iam encontrar o seu equilíbrio.

— Acho que vão passar metade do tempo a conversar — comentou o Gonçalo, divertido. — Os velhos adoram conversar!

— E essa será a melhor solução. Em vez de estarem sozinhos, vão estar a conviver e a sentir-se úteis, válidos, porque na verdade são muito competentes em muitas áreas que, se calhar, já nem nos passam pela cabeça que existem — completou o stor. — Também é uma forma de assegurarmos que não se perdem algumas ocupações que agora ninguém tem, mas que são valiosas.

O projeto iniciava com um levantamento de opiniões e ideias junto das pessoas reformadas ou sem trabalho — os mais velhos, como gostavam que os tratássemos. Mais velhos, mais sábios, e, muitos deles, muito sozinhos.

A Lapa do Lobo era um espaço pequeno e as pessoas conheciam-se umas às outras, por isso, no primeiro momento, começámos por fazer um levantamento de quem conhecíamos e onde viviam,

e, na aula de Português, construímos um guião para orientar as perguntas e anotar as respostas.

Tivemos de imaginar que éramos essas pessoas a responder a essas questões, para perceber o que perguntar e como perguntar. Sobretudo, como explicou a professora, era importante que elas se sentissem respeitadas e valorizadas. Foi tão engraçado imaginar as conversas e treinar a nossa forma de falar!

Ao mesmo tempo, com a professora de Matemática, estávamos a calcular os custos dos materiais para se pintar o espaço, para recuperar cadeiras e mesas que nos iam dando; a pedir orçamentos para as janelas, pois muitas estavam partidas, e também para comprar material que calafetasse bem as portas, em suma, todos esses pormenores de remodelação. Era preciso pensar em muita coisa. Nunca imaginei que fosse um projeto tão complexo. Mas era aliciante.

A Fundação Lapa do Lobo e os seus colaboradores juntaram-se a nós, uma vez que o projeto podia englobar oficinas que já existissem na fundação, abertas agora à comunidade. Na fundação havia oficinas de bilros, de feltragem e de Bordado Tibaldinho, que funcionavam ao final do dia, e a nossa

ideia era aproveitar os ensinamentos dessas pessoas e deixá-las trabalhar durante o dia para que se sentissem úteis, valorizadas e a produzir materiais que poderiam ser oferecidos ou mesmo vendidos, enquanto conversavam num espaço acolhedor.

Depois, a Carolina perguntou se não seria de dar condições para que as pessoas mais velhas que iriam frequentar este espaço pudessem também funcionar como grupo de apoio para crianças:

— Eu vi isso lá na minha cidade: imaginem que um miúdo fica doente, assim só constipado ou maldisposto da barriga, ou que um dos pais tem de se ausentar todo o dia para ir a qualquer lado e não sabe a quem deixar os filhos... Este grupo podia cuidar dos miúdos. Quero dizer... isto se não estivessem horrivelmente doentes! Os miúdos ficavam com o grupo e andavam entretidos, com muitos olhos a tomar conta deles. No sítio onde isto aconteceu, acabou por ser muito giro. Quando chegaram as férias de verão, sentiram a falta uns dos outros. A ligação entre velhos e pequeninos podia funcionar para se apoiarem uns aos outros, não concordam?

— Vão estragá-los com mimos! — disse a Sofia, rindo-se.

**CRESCER é um desafio ENORME. Mas, às vezes, é difícil decidir que caminho devemos seguir. A Escolha É Minha é uma coleção sobre as opções que tens de tomar todos os dias, com histórias de vida contadas por jovens como tu.**

**A história deste livro podia ser a tua ou, quem sabe, a de alguém que conheces.**

Carolina vive agora no campo, na Lapa do Lobo. Os pais decidiram trocar a vida agitada da cidade por uma outra realidade. O maior desafio para Carolina é a nova escola. Receia não conseguir integrar-se, já que turma para a qual entrou tem os mesmos alunos desde o 5.º ano. Mas depressa encontra um grupo de amigos que estão prontos para a acompanhar e há um projeto incrível para abraçar. No entanto, tudo se complica quando um professor substituto humilha alunos e tem um profundo desdém por esse projeto. Que fazer?




Vem conhecer esta história onde o respeito mútuo, a amizade e a entajuda vencem todos os obstáculos e nos mostra que há razões para confiar na mudança.

Descobre nas páginas finais deste livro  
os outros títulos da coleção:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Leitura Juvenil

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros

11+

ISBN 9789896235895



9 789896 235895 >